

● ENTREVISTA

UMA “CAIXA CINZENTA” CHAMADA VENEZUELA

Filhas de Juan dos Ramos defendem inocência do luso-venezuelano condenado a 30 anos de prisão por alegada tentativa de assassinato de Nicolás Maduro, num julgamento “sem provas”. As jovens apelam às entidades regionais que façam “alguma coisa” por este filho de madeirenses e pintam o retrato de um país de “medo”, carência e prisões políticas arbitrárias, muito longe do caminho para a democracia



FOTO M.E./ ASPRESS

“O nosso pai passou quatro anos preso sem ter nenhuma audiência” e “em condições que nenhuma pessoa devia estar”, denunciam Maria Alejandra e Ana Cristina Rodríguez Ramirez.

ERICA FRANCO
efranco@dnoticias.pt

“Escrevo-vos desde esta caixa cinzenta...”. É assim que começam todas as cartas de Juan Francisco Rodríguez dos Ramos e também Juan Carlos Marrufo e a sua mulher Maria Auxiliadora Delgado – e a apontar a pena “sem indicar as provas” que os ligassem à tentativa frustrada de assassinato do presidente Nicolás Maduro. Durante quatro anos, as cartas do antigo coronel foram parcas em detalhes sobre as condições em que se encontrava detido, limitando-se a usar a cor cinza para descrever a cela que o rodeava. Passavam também os apelos velados à família para que conservassem a

calma, a distância e o silêncio que os mantinham – a elas e a ele – em segurança. Há duas semanas tudo mudou. Maria Alejandra recebeu uma chamada do padrinho – a única pessoa que nos últimos anos pode visitar Juan dos Ramos na prisão – a informá-la do veredicto. Ana Cristina soube pela irmã. Para as jovens, que temem nada mais conseguir fazer pelo pai, chegou o momento de falar sobre a verdadeira “caixa cinzenta” em que se tornou o seu país.

Como é que o vosso pai passa de coronel da Guarda Nacional Bolivariana (GNB), a polícia militar da Venezuela, a traidor do regime? Qual era a sua posição sobre o governo de Maduro?



ro? [MA]: O nosso pai estava num cargo de coronel, acima disso só havia general, que já era um cargo político. Ele nunca foi um dos militares que falasse abertamente ou apoiasse o regime. Manteve sempre, pelo menos perante nós [família], uma posição de neutralidade. Era muito profissional. “Este é o meu trabalho, mas eu não trabalho para o governo, trabalho porque estou na milícia”, dizia.

[AC]: Lembro-me que ele dizia que não se imaginava a fazer outra coisa (...).

[MA]: Ele gostava do seu trabalho e acreditava que ainda podia fazer coisas boas. Sempre fez o seu tra-

balho, mas nunca foi um apoiante do Nicolás Maduro, nem da sua posição e nunca magoou outras pessoas por causa do regime.

Há uma grande pressão política sobre as forças de segurança na Venezuela? [MA]: Na milícia existem slogans para apoiar o governo. Antes não era assim (...). Foi recentemente que começou a ser um organismo mais político, porque anteriormente a Guarda Nacional era uma força de segurança que existia para proteger as pessoas (...). [Em 2017] aconteceu ataque com helicóptero de Óscar Alberto Pérez e, depois, o ‘governo interino’ de Juan Guaidó assumiu funções, tudo isso fez com que houvesse um controlo mais apertado.

Acham que esta acusação foi uma tentativa forçada para incriminar o vosso pai por não ser abertamente pró-regime? [MA]: O nosso pai não entrou nisto para ser político. Por isso, quando as coisas começaram a mudar, fez questão de manter uma posição neutra e, se não estás com o governo, estás contra. Ele tem 55 anos, já estava aposentado da Guarda Nacional, quando foi preso.

Alguna vez tiveram conhecimento da existência de algum tipo de ligação com as outras duas pessoas que estão a ser acusadas de planejar o ataque com drones em 2018? [MA/AC]: Não. Nós não conhecemos essas pessoas.

[MA]: No Natal, a Guarda Nacional costumava fazer jantares para as famílias [dos militares] e lembro-me de ouvir alguns nomes, mas nenhum dos que estão associados a tudo isto.

Como é que foi quando o detiveram e, depois, o desenrolar do processo judicial? [AC]: A última vez que falámos com ele tínhamos 16 anos, ainda não tínhamos bem a noção do que estava a acontecer.

[MA]: Na altura foi difícil perceber exactamente o que se estava a passar, porque foi um choque (...). Quando ele foi preso éramos muito novas, era difícil processar todas essas coisas que acontecem lá dentro, além do facto de o nosso pai estar na cadeia e não conseguir ver-nos (...). O meu pai foi acusado sem ter um julgamento seja considerado justo. Ele passou quatro anos sem ter nenhuma audiência, nem nenhum tipo de seguimento do seu caso. Não existem provas e ele esteve todo este tempo preso em condições que nenhuma pessoa deveria estar, com medo por si, pela sua família e pelas pessoas que queriam testemunhar a seu favor (...). Como é que condenam um homem a de 30 anos de prisão, que é a pena máxima que podem atribuir, quando ele não assassinou ninguém?

Neste momento estão a estudar em Londres. Conseguem comunicar com o vosso pai? E os vossos avós que estão na Madeira têm forma de contactar com o filho? [MA]: Sim, por carta. Lembro-me que nos primeiros meses nós não sabíamos nada do nosso pai (...). O contacto que temos com ele é através do meu padrinho. Eles são amigos há muitos anos. Nós enviamos as cartas por

telemóvel e ele imprime e entrega ao nosso pai.

[AC]: Ele visita-o todos os sábados (...).

[MA]: É através disso que sabemos o que acontece com o nosso pai (...). Fotografias só temos uma destes últimos cinco anos.

[AC]: Os meus avós falaram com ele por telefone, mas foi para aí uma vez e apenas durante cinco minutos. Não tiveram tempo para dizer mais nada, senão o quanto gostavam dele... [As autoridades] não deixam que o meu pai fale.

[MA]: Privar uma pessoa da sua liberdade não significa que esteja em isolamento, a viver em condições insalubres, numa cela para 75 pessoas e que tenhamos de pagar para que lhe dêem comida. Não significa perder humanidade.

Têm relatos desse género do vosso pai? [MA]: O meu pai nas suas cartas tenta ser sempre muito positivo.

[AC]: Ele nunca conta coisas más, não quer preocupar-nos, mas em todas as cartas costuma dizer: “Escrevo-vos desde esta caixa cinzenta...” e nós sabemos como é a cadeia lá (...). Agora não sabemos o que vai acontecer.

[MA]: Não sabemos se ele vai ficar no mesmo lugar (já foi mudado de prisão três vezes) e quais vão ser as condições. Democrático isto não pode ser (...). As pessoas não têm conhecimento desta história na Venezuela.

Como é que se vive, de facto, na Venezuela? Quando é que começaram a aperceber-se de que algo não estava bem? [MA]: Nós viemos em 2017 [para a Madeira]. A nossa realidade lá era que estava tudo bem. Os nossos pais trabalhavam, o meu pai era militar e a minha mãe enfermeira. Quando começou a crise, em 2011/12, começamos a notar em coisas como: “Quero comer cereais e não tenho leite”, “já não tenho água na minha casa para conseguir tomar banho” ou “não temos luz, porquê?”. Depois começou a insegurança.

[AC]: Quando começaram os protestos não podíamos ir às aulas, não podíamos sair de casa. Estávamos sempre com medo. Houve uma altura em que era ‘normal’ estarmos em casa e cheirar a bombas de gás lacrimogénico ou ouvir gritos.

[MA]: Já tínhamos um ‘modus operandi’ para quando cheirava a gás: fechávamos a porta e as janelas e, caso a nossa mãe estivesse a trabalhar, avisávamo-la para esperar até que terminassem para poder regressar a casa (...). Os primeiros protestos aconteceram em 2014, nós tínhamos 12 anos. Lembro-me de um dia em que minha irmã estava em nossa casa com um tio que não vivia em Caracas e dele ficar surpreendido quando ela foi logo fechar as janelas e ligar à nossa mãe como se fosse a coisa mais normal do mundo.

[AC]: Sempre estivemos mentalizadas de que a Venezuela era perigosa. Era muito raro sairmos para caminhar ou usar transportes públicos (...). Todas as minhas lembranças da Venezuela são com muito medo, de ir no autocarro, de sair para brincar.

Quando foi instituído o ‘governo interino’ de Juan Guaidó falava-se muito da crise na Venezuela, mas a crise não acabou. Houve melhorias? [AC]: Eu tenho amigos lá que continuam sem água, sem luz e sem as coisas básicas. Continua tudo igual. Dizem que melhorou só porque agora usam dólares, embora existam pessoas que recebem o salário em bolívares. O governo foi inteligente em montar um cenário de abertura. Diz-se que agora os artistas vão à Venezuela e fazem concertos gigantes (...) e há lojas de luxo, mas é só para uma pequena parte da população.

[MA]: É verdade que agora há co-

mida. Lembro-me que nós tínhamos que fazer filas de horas para conseguir comprar mantimentos, mas depois falo com a minha amiga e ela diz-me: “Eu não consigo comprar uma caixa de ovos, porque o meu salário não chega”. Essa narrativa de que a Venezuela melhorou é uma farsa (...). A Venezuela quer parecer um país democrático perante a comunidade internacional, agora que vai ter eleições nos próximos dois anos, mas para isso não pode ter presos políticos. Temos contacto com outras pessoas que estão na mesma situação que o nosso pai. Não queremos que sejam esquecidos. Queremos que as pessoas saibam o que está a acontecer.

Temos sido muito cautelosas, porque até este momento o meu pai estava a ser julgado (...), mas o pior já aconteceu, já passaram mais de quatro anos e ele foi condenado a uma pena de 30. Claro, que o pior cenário é que o matem...

É uma possibilidade real? [MA]: Tenho quase 100 por cento a certeza que sim. Lembro-me que há dois anos saiu um artigo nos jornais a falar do meu pai e dos outros condenados. Um deles desenvolveu cancro no olho devido a algumas torturas que estão a fazer na prisão. Eu não sei como está essa pessoa agora (...).

[AC]: Nós sabíamos que ele podia sofrer por nossa causa (...) sabíamos que ele não queria que disséssemos nada, porque tinha noção das consequências que isso podia ter, mas agora o pior já aconteceu.

[MA]: Agora a minha irmã e eu já temos 20 anos e já conseguimos fazer algo. Não podemos ficar caladas, porque o meu pai não pode passar 30 anos na cadeia.

Há alguma mensagem que gostassem de passar? [MA]: Eu gostaria de dizer ao Governo Regional que existe uma pessoa, um madeirense que é totalmente inocente e está a passar por muitas dificuldades, não só ele mas também a sua família. Não é justo o que está a acontecer, se esta história conseguir tocar o coração de alguém, peço-lhes que tentem fazer alguma coisa. São 30 anos, significa que o meu pai possivelmente vai morrer na cadeia ou que não vai conhecer os seus netos, nem vai reconhecer-me quando me voltar a ver. Se estas palavras fazem algum sentido para vocês, se conseguirem, tentem fazer alguma coisa por ele.



Última foto de Juan dos Ramos recebida pelas filhas a 8 de Junho de 2022.